REVISTA DA FUNDARTE
ANO 23
NÚMERO 56
JULHO A SETEMBRO DE 2023
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 56: ARTE, EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

CANTANDO PARA O BEBÊ ANTES DE SEU NASCIMENTO: RELATOS DE MÃES SOBRE SUAS PRÁTICAS MUSICAIS NA GESTAÇÃO

SINGING TO THE BABY BEFORE BIRTH: REPORTS OF MOTHERS ABOUT THEIR MUSICAL PRACTICES DURING PREGNANCY

Fabiane Araujo Chaves
Cristina Rolim Wolffenbüttel

Resumo: Este artigo apresenta os resultados da pesquisa que investigou as práticas musicais na gestação, a partir dos relatos de mães participantes do projeto "Vivências Musicais para Bebês e Famílias", ocorrido na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Teve a abordagem qualitativa como metodologia e a pesquisa documental como método, sendo analisados os relatos das mães participantes. Os fundamentos teóricos incluíram conceitos de Educação e Educação Musical, com ênfase na cognição e na percepção musical na infância, particularmente com bebês. Como resultados, identificou-se que as principais canções entoadas durante a gestação foram infantis e religiosas. Percebeu-se que os bebês, no ventre materno, reagiram às canções, e que não são passivos a essas práticas, realizadas, principalmente antes, do adormecimento.

Palavras-chave: Música. Educação Musical. Bebês.

Abstract: This article presents the results of research that investigated musical practices during pregnancy, based on the reports of mothers participating in the Project "Musical Experiences for Babies and Families", which took place at the State University of Rio Grande do Sul. Its methodology used a qualitative approach and documentary research as a method, with the reports of participating mothers being analyzed. The theoretical foundations included concepts of Education and Music Education, with an emphasis on musical cognition and perception in childhood, particularly with babies. As a result, it was identified that the main songs sung during pregnancy were children's and religious. It was noticed that the babies, in the maternal womb, reacted to the songs, and that they are not passive to these practices, performed mainly before falling asleep.

Keywords: Music. Music Education. Babies.

Introdução

A relação mãe–bebê inicia-se na gestação, a qual constitui uma fase fundamental para o estabelecimento de um vínculo saudável entre ambos. Nesse sentido, buscando um melhor atendimento às gestantes, alguns serviços de saúde (sejam eles públicos ou privados) oferecem grupos de apoio, com profissionais que objetivam contribuir na relação entre mãe e filho, utilizando técnicas e recursos diversos. Um deles é o ensino da música (TABARRO *et al.*, 2010).

Sabe-se que nem sempre a gravidez é desejada ou planejada. Portanto, os trabalhos realizados nesses grupos de apoio possibilitam que a gestante seja acolhida e tenha o suporte necessário para que tome consciência do período pelo

qual está passando, estabelecendo um vínculo saudável com o bebê que está em formação. Sua efetiva participação pode fortalecê-la e, até mesmo evitar que pratique ações que, posteriormente, venham a lhe trazer frustrações e não lhe façam bem, aprendendo a gostar de estar grávida e a esperar o bebê com amor e carinho.

A música é muito importante na vida das pessoas e está presente em diversas ocasiões no dia a dia, seja em momentos de lazer ou de aprendizado. Em se tratando do espaço escolar, a música pode se apresentar como ensino e aprendizado, com objetivos pedagógico-musicais específicos, em atividades de disciplinas diversas ou até mesmo em diferentes tempos e espaços escolares. Na vida das pessoas — e, em especial, para gestantes e bebês —, estudos têm apontado os efeitos positivos que as atividades musicais podem oferecer para ambos, principalmente para o desenvolvimento do bebê (MAYDANA; BRASIL, 2003). A relevância da música para a construção da personalidade da criança e a sua formação de comportamento social, desde a gestação, é defendida por Oliveira *et al*. (2006, p. 740), pois proporciona “vivências em um ambiente que propicie a sensibilização musical”.

Embora se acredite na importância de o ensino da música ser realizado por profissionais licenciados na área, entende-se, também, que quanto mais pessoas a praticarem (inclusive com bebês), maiores serão os benefícios originados dessas vivências. Desse modo, como argumenta Kraemer (2000), o conhecimento pedagógico-musical pode ser uma atividade realizada também por outros profissionais, como educadores, psicólogos ou sociólogos, entre outros, desde que exista uma relação entre as pessoas e as músicas, no que se refere aos aspectos de apropriação e transmissão. Logo, haverá níveis e intensidades diferentes no trabalho, mas certamente todas as pessoas poderão contribuir.

Assim, tendo a música como fator que pode beneficiar mães e bebês no período gestacional — e sendo esta ensinada por qualquer pessoa —, entende-se que há uma lacuna em termos de investigações sobre o assunto. Nesse contexto, a pesquisa descrita neste artigo surgiu com o intuito de contribuir para o preenchimento dessa falta de bibliografia sobre o tema.

O estudo teve início a partir da realização de um projeto de extensão denominado “Vivências Musicais para Bebês e Famílias”. As atividades ocorreram no segundo semestre de 2020, por meio de uma ação de extensão promovida pela Uergs. Nesse ínterim, a pesquisa descreve a análise dos dados coletados durante a realização deste projeto de extensão, no que diz respeito às práticas musicais na gestação, ou seja, a prática musical realizada pelas mães de maneira informal.

Compreende-se que a visão sobre o bebê no ventre materno vem mudando ao longo do tempo, e que não se acredita mais que ele seja uma tábula rasa ao nascer (PARIZZI; RODRIGUES, 2020). Logo, proporcionar momentos de afeto e de vínculo entre mãe e bebê durante a gestação é importante para ambos. Sabe-se também que a constituição da relação da mãe com o bebê e as expectativas estabelecidas a partir dessa interação (PICCININI *et al.*, 2004) estão presentes durante os meses do período gestacional. Então, a construção do vínculo é fundamental (FONSECA, 2010).

No que se refere à capacidade do bebê de ouvir e reagir aos sons ainda no ventre materno, estudos mostram que ela se inicia por volta da vigésima semana de gestação (PARIZZI; RODRIGUES, 2020). Nesse período, a prática do canto, quando feita pela mãe, pode ser ainda mais especial, uma vez que, conforme Parizzi e Rodrigues (2020), a voz materna é a única que vai até o bebê por duas vias: a interna (pelos órgãos) e a externa (pelo ar). Nessa perspectiva, a mãe não precisa se preocupar em saber música ou mesmo em cantar afinadamente, pois essa interação é importante para a construção de vínculos. Wollffenbuttel (2019) explica que cantar, ainda que desafinadamente, é importante porque também contribuirá para a formação da bagagem musical do bebê.

Com base no que foi exposto e a partir da realização do projeto de extensão para mães e bebês, surgiram os seguintes questionamentos: quais as canções entoadas na gestação, conforme os relatos de mães participantes do projeto? De acordo com as percepções dessas mães, existe reação do bebê no ventre materno durante a realização das práticas musicais? Em quais momentos as mães realizavam as práticas musicais durante a gestação?



A partir desses questionamentos, esta pesquisa objetivou investigar as práticas musicais na gestação, relatadas por mães participantes do projeto de extensão "Vivências Musicais para Bebês e Famílias". A fim de aprofundar a temática e verificar o que tem sido investigado a respeito, realizou-se uma revisão de literatura, a qual é apresentada a seguir.

Este artigo divide-se em seis seções. Após esta introdução, a próxima seção apresenta uma revisão da literatura existente sobre o tema, a fim de se aprofundar sobre as pesquisas realizadas nos últimos anos. No referencial teórico, são apresentados os conceitos e as teorias que permitiram a análise dos dados. Nos caminhos metodológicos, são explicitadas as opções de metodologia do trabalho, seguidas da apresentação do projeto de extensão "Vivências Musicais para Bebês e Famílias", a partir do qual foi possível coletar os dados da pesquisa. Nos resultados e na análise dos dados, são apresentadas as categorias originadas dos dados, bem como sua análise, a partir da transversalização com o referencial teórico selecionado. Por fim, nas considerações finais, são respondidos os questionamentos, seguidos de possíveis desdobramentos da pesquisa.

Revisão de literatura

Para conhecer o que está sendo pesquisado nos últimos anos sobre essa temática, foi realizada uma revisão de literatura, a partir de buscas em revistas e anais de eventos na área da música, publicados em língua portuguesa e disponíveis *on-line*. Para a busca, foram utilizados os seguintes descritores: gestante, gestação, grávida, gravidez, ventre materno, útero, bebê, canto, cantar. Os textos selecionados foram aqueles que tinham relação com a proposta desta investigação.

Inicialmente, optou-se por limitar a procura a materiais publicados nos últimos cinco anos (entre 2017 e 2022). Entretanto, devido ao reduzido número de estudos encontrados, o rastreio foi ampliado, abarcando 15 anos (de 2007 a 2022). A síntese do que foi encontrado é apresentada no Quadro 1 a seguir.

Revista/ Repositório	Quantidade de materiais encontrados
– Revista Orfeu – Revista ouvirOUver – Anais de Congressos Nacionais da ABEM	Um texto em cada uma dessas revistas ou nos anais de eventos
– Revista Claves	Nenhum texto encontrado nessas revistas

– Revista Música Hodie – Revista Em Pauta – Revista Música em Perspectiva – Revista Vórtex – Revista da Fundarte – Revista da ABEM – Anais de eventos ANPPOM – Revista OPUS	ou nos anais de eventos, conforme os descritores definidos e os objetivos desta pesquisa
TOTAL:	3 textos encontrados

Quadro 1: *Sites* de busca e textos encontrados
Fonte: autoras (2022).

A partir das informações contidas no Quadro 1, é possível perceber que, entre as 10 revistas e os anais de dois grandes eventos (Congresso Nacional da ABEM e eventos da ANPPOM) pesquisados, nenhum texto relacionado com essa temática foi encontrado em nove deles. Entretanto, em quatro dos *sites* de busca, foram obtidos três textos, os quais são apresentados no Quadro 2. Esses textos serão utilizados para contextualizar esta pesquisa.

Autor(es)	Título	Palavras-chave	Revista	Ano
MARTINS, Janaina Trasel.	Canto pré-natal: alquimias sonoras para gestantes.	Canto pré-natal; música pré-natal; gestação; escuta; consciência.	Revista ouvirOUver	2017
WELCH, Graham; PRETI, Costanza.	O canto como comunicação interpessoal e intrapessoal.	Vocalização humana; Comunicação musical; Melodias da fala; Expressão emocional; Fala dirigida ao bebê; Canto dirigido ao bebê.	Revista Orfeu	2018
PEREIRA, Vinícius Carlos; BROOCK, Angelita Maria Vander.	O bebê, a música e a infância: a música no ambiente familiar.	Música em casa; Repertório; Musicalização infantil.	Anais do XXV Congresso da ABEM	2021

Quadro 2: Textos da revisão de literatura da pesquisa
Fonte: autoras (2022).

O número de trabalhos publicados nos periódicos revisados, conforme os critérios mencionados anteriormente, destaca o quão relevante é a execução de pesquisas como esta, visto que a temática das práticas musicais durante a gestação ainda é pouco explorada. Assim, percebe-se a necessidade de ampliar o número de textos e investigações sobre esse assunto, colaborando com o embasamento de práticas musicais e estudantes interessados por essa área. Com base no Quadro 2,



apresenta-se na sequência um breve resumo dos textos, a fim de contextualizar o campo que abrange o objeto de estudo desta pesquisa.

Uma contribuição importante para este estudo é o artigo de Martins (2017). O texto trata do canto com gestantes, desenvolvido na área da musicoterapia. Martins (2017) ressalta que, durante a gestação, os sons movimentam as energias corporais, estimulando a liberação de hormônios e despertando uma série de emoções na gestante. A autora explica, também, que a partir das práticas de canto, pode-se ampliar a conexão existente entre o corpo da mãe e o do bebê durante o período da gestação, assim como no momento do parto.

Martins (2017, p. 635) explica que “as vibrações sonoras da voz materna são compostas de frequências que carregam em suas ondas as sensações, os afetos, os sentimentos”, ilustrando com relatos das participantes do grupo de gestantes o quanto essas práticas foram importantes para tal sensação. Entre alguns aspectos citados pela autora, destacam-se falas que reiteram o canto como uma possibilidade de aproximação entre gestante e bebê. As falas revelam ainda que a entoação de sons oportuniza a autopercepção da gestante.

Na referida pesquisa, a descoberta do prazer em “brincar com a própria voz” e arriscar-se sem compromisso “nos ritmos” também merece destaque, mostrando que as mães se arriscaram à entrega vocal e sentimental nos momentos vivenciados com seus bebês (MARTINS, 2017). Além da possibilidade de aproximação afetiva entre mãe e bebê, a partir da voz, antes mesmo do nascimento, a autora ratifica que as práticas musicais também contribuem para o momento do parto, apresentando um relato de uma participante que realizou essa prática.

Seguindo com a análise dos materiais selecionados, o texto de Welch e Preti (2018) constitui um capítulo de livro publicado em forma de artigo, o qual investigou “a crescente evidência da comunicação musical como parte integral da vocalização humana e da expressão emocional” (WELCH; PRETI, 2018, p. 198). De acordo com os autores, uma das características que define as pessoas é o som da voz, que possui atributos plurais e comuns, e o modo como se desenvolve difere conforme cada indivíduo em particular.

Os dois tipos de sons que se caracterizam como os padrões mais significativos sob o ponto de vista sociocultural são a fala e o canto. Ambos são gerados com base em estruturas neuropsicológicas fundamentadas na experiência cultural (WELCH; PRETI, 2018). Welch e Preti (2018, p. 19). Explicam que "nossa predisposição para receber determinados sons vocais como canto ou fala depende de suas características acústicas dominantes, bem como da nossa experiência". Esta ocorre desde o nascimento, no que se refere à aquisição da linguagem, e desde o ventre materno, quando diz respeito à recepção sonora do bebê, geralmente a partir do último trimestre de gestação.

Os autores discorrem sobre diversas informações referentes às funções cognitivas ligadas às bases neurais, que também se associam ao fazer musical. Um ponto de destaque são as comunicações básicas, expressas pela variação acústica da voz, conforme as nossas emoções de surpresa, repulsa, raiva, tristeza, medo e alegria, sendo "a voz um aspecto essencial da nossa identidade" (WELCH; PRETI, 2018, p. 204). Sob esse ponto de vista, Welch e Preti (2018) observam:

> A habilidade de gerar sinais [...] emocionais concomitantes para as informações de saída vocais (canto e fala) provavelmente está relacionada às primeiras experiências do feto com o meio ambiente acústico, particularmente em relação ao som da voz da mãe que é ouvido no útero durante o último trimestre da gravidez. (WELCH; PRETI, 2018, p. 204).

Os autores elucidam que, pela corrente sanguínea materno-fetal, o bebê consegue perceber o estado emocional da mãe, complementando essa percepção com os contornos melódicos emitidos por ela, enquanto canta. A partir dessa experiência, os recém-nascidos tornam-se sensíveis aos sons emitidos pela voz materna, devido às experiências que tiveram ainda no ventre (WELCH; PRETI, 2018).

Além de outros dados importantes sobre a temática estudada, Welch e Preti demonstram que é a partir dos sons produzidos pelo próprio indivíduo que ocorre a comunicação musical intrapessoal. Porém, à medida que desenvolve uma consciência social e habilidades de comunicação vocal, essa comunicação passa a ser interpessoal. O canto mantém, ainda, a comunicação intrapessoal, e os autores

consideram que “cantar é se comunicar – o canto é comunicação” (WELCH; PRETI, 2018, p. 216).

Por fim, o artigo de Pereira e Broock (2021) contribui com as reflexões apresentadas nesta escrita, embora não trate, diretamente, sobre como ocorrem as práticas musicais durante a gestação. O texto trata do repertório musical que os pais oferecem às crianças no ambiente familiar. Foram pesquisados 115 familiares de crianças entre zero e três anos de idade, por meio de formulários *on-line* divulgados em redes sociais. O objetivo foi investigar sobre os momentos de uso da música com as crianças, o repertório musical escolhido e as experiências musicais e culturais dos cuidadores (PEREIRA; BROOCK, 2021). Os autores reiteram a importância da família na inserção das práticas musicais na rotina de seus filhos. Eles ressaltam, ainda, que esses usos são notáveis desde a gestação, uma vez que, mesmo no ventre materno, o bebê já consegue estabelecer uma relação entre música e sons, sendo a voz materna especial nesse período da vida (PEREIRA; BROOCK, 2021).

Como resultados da pesquisa, Pereira e Broock (2021) identificaram que os pais se preocupam sobre qual repertório musical ofertar à criança, e que procuram aprender canções infantis para utilizar nesses momentos. Nesse caso, embora os pais não tenham respondido, diretamente, sobre o período gestacional, podemos inferir que essas práticas podem ter ocorrido durante a gestação. Os autores ponderam que as crianças, de maneira geral:

> gostam da música pela música, e não apenas das músicas produzidas para elas. Isso reforça que devemos oferecer às crianças o repertório mais diversificado possível [...] quanto mais possibilidades de exploração sonora o bebê e a criança tiverem dentro de casa, mais sobre música ele irá aprender. (PEREIRA; BROOCK, 2021, p. 11–12).

Apresentada a revisão de literatura, passa-se a compartilhar, a seguir, o referencial teórico que fundamentou a análise dos dados.

Referencial teórico

O referencial teórico desta investigação foi estruturado em três vertentes, trazendo conceitos ou reflexões de autores que contribuíram com a análise dos dados coletados. Desse modo, Gohn (2006) forneceu os fundamentos para a educação não escolar. Wilheim (1992), Souza-Dias (1996), Joseph (2000), Zaeyen (2003), Beyer (2005), Suassuna (2011), Parizzi e Rodrigues (2020) e Carvalho e Justo (2021) subsidiaram o entendimento da audição do bebê no ventre materno. Por fim, as práticas musicais na gestação foram balizadas por Kraemer (2000), Ilari (2005, 2002), Brook (2007), Jaber (2013), Carvalho (2015), Chang *et al*. (2015), Gordon (2015), Parizzi e Rodrigues (2020). As seções a seguir apresentam os fundamentos teóricos.

Educação não escolar

A educação pode acontecer de diversas formas, não somente a partir de instituições formadoras. Gohn (2006) considera que a educação formal — ou escolar — relaciona-se àquela realizada por instituições formadoras e escolas que se certificam e são regulamentadas conforme um sistema de regras, tendo o professor como educador.

Em âmbito familiar, também educamos. Todavia, a educação familiar é considerada informal ou não escolar, pois os educadores são outros: pais, familiares ou responsáveis. A educação informal acontece com a intenção de integrar e socializar os indivíduos.

Por fim, a educação não formal pode ser considerada aquela que tem intenção de formar cidadãos para a vida em sociedade. Porém, esta não utiliza a avaliação para verificar a sua eficácia ou o conhecimento acerca do aprendizado (GOHN, 2006).

Neste trabalho, foi utilizado o conceito de educação não escolar, pois temos como principal fundamento aquela educação que está acontecendo em âmbito familiar entre mãe e bebê, ainda no ventre materno.

Audição do bebê no ventre materno

Conforme mencionado anteriormente, a concepção que se tinha antigamente era a de que os bebês não escutavam no período anterior ao nascimento. A esse respeito, Beyer (2005), em seus estudos, explica que os recém-nascidos eram vistos como alguém que não via e nem ouvia. A autora comenta também que o bebê era considerado como "uma substância amorfa, uma tabula rasa, um ser completamente vulnerável e frágil" (BEYER, 2005, p. 96).

Sobre o bebê no período gestacional, Suassuna (2011, p. 2) elucida que "em função de sua natureza pouco conhecida, era normalmente considerada como um mundo totalmente à parte – como se a vida apenas começasse no ato do nascimento [...]. O ventre da mãe era considerado um território secreto, mesmo sagrado". Entretanto, ao longo do tempo, com o avanço tecnológico e o aumento de materiais publicados sobre o bebê, atualmente sabe-se que:

> [...] o feto é um ser humano, que reage a diversas classes de estímulos, como os de pressão, de toque e de dor; busca posição preferencial, move-se de um lado para o outro, sorri, boceja, esfrega as mãos e os pés, chupa o dedo, dorme, acorda, tem movimentos respiratórios e soluços. Ficou demonstrado que as suas atividades não são desprovidas de objetivos; a deglutição tem função nutritiva, bem como regula o volume do referido líquido; os movimentos são importantes para o desenvolvimento de articulações e ossos. As experiências sensoriais, inclusive essas derivadas do próprio movimento, são vitais para o desenvolvimento do cérebro. (SOUZA-DIAS, 1996, p. 41).

Nesse sentido, considerando-o como um ser humano durante o período gestacional, autores como Beyer (2005), Parizzi e Rodrigues (2020), Carvalho e Justo (2021), entre outros, optaram por utilizar a terminologia "bebê", ao invés de "feto", a qual também é adotada neste trabalho. Além disso, compreende-se que "o bebê já está em interação com seu meio externo desde suas vivências uterinas, o que lhe permite trazer uma bagagem significativa de conhecimentos quando nasce" (BEYER, 2005, p. 96).

Embora as pesquisas sobre essa temática ainda não sejam muito volumosas, estudos recentes mostram que o bebê se torna ouvinte ainda no ventre materno. Carvalho e Justo (2021) dissertam sobre o fato de que o bebê no ventre materno consegue escutar e reagir às práticas sonoras, e que, dessa forma, torna-se

importante que estas sejam realizadas. Joseph (2000) revela que, em torno da 27ª semana, além de escutar, o bebê se torna responsivo aos sons, reagindo com movimentos corporais dentro da barriga da mãe.

Zaeyen (2003) também discorre sobre a possibilidade de o bebê ouvir sons ainda no ventre materno, o que, segundo ele, ocorre a partir da 25ª semana, aproximadamente. O autor explica:

> Seu ambiente acústico é constituído por ruídos externos e internos (a respiração, os batimentos cardíacos, os movimentos musculares e intestinais maternos). Como esse feto já está recebendo informações, e muito provavelmente registrando-as, é importante saber se ele escuta para que as janelas de oportunidade de aprendizado não se percam. (ZAEYEN, 2003, p. 131).

Nesse sentido, Wilheim (1992) corrobora a arguição de Zaeyen (2003), que compara os sons produzidos no útero aos do tráfego urbano. Carvalho e Justo (2021), nessa perspectiva, indicam que os sons produzidos no ventre materno tornam esse local o primeiro auditório humano. Acerca desses sons, Joseph (2000) explica que, a partir da 36ª semana, aproximadamente, o bebê no ventre materno é capaz de discriminar sons a partir da audição fina, reagindo com aceleração da frequência cardíaca e realizando giros da cabeça e movimentos oculares.

Práticas musicais na gestação

Pesquisas apontam que o bebê, no ventre materno, é capaz de ouvir e reagir a estímulos sonoros. Com base nos resultados dessas investigações, entende-se a importância da realização de práticas musicais desde muito cedo, para que sejam mais efetivas e proporcionem interação e conexão entre o bebê e sua mãe, bem como com os familiares.

Além disso, cabe salientar que pesquisas como as de Chang *et al.* (2015) ressaltam que as práticas musicais também auxiliam gestantes a diminuírem o estresse relacionado à gravidez, que elas eventualmente possam estar vivenciando nesse momento. Os autores também mencionam o fato de que a música é uma intervenção não invasiva e eficaz, a qual pode ser utilizada sem contraindicação durante a gestação (CHANG *et al.*, 2005). Podemos transpor essa afirmação para as

famílias de qualquer lugar do mundo, pois a música está presente em todas as culturas e pode ser utilizada de diversas maneiras.

Investigações sinalizam que, antes mesmo do nascimento, o bebê “é capaz de sentir prazer, dor, tristeza, alegria, medo, bem-estar, angústia e de captar os estados emocionais da mãe” (JABER, 2013, p. 24). Portanto, a partir desses aspectos, podemos apontar que as ações musicais podem ser benéficas tanto para os bebês quanto para as mães, em termos de saúde mental, a qual também é fundamental nesse período.

A educação musical pode ser promovida por pessoas de diversas áreas, e não somente aquelas formadas em cursos de música. Kraemer (2000) apresenta a concepção da pedagogia da música, em que expõe a importância da intencionalidade nessas ações, acreditando que atividades musicais possam ser realizadas por profissionais de outras áreas. Analogamente, considerando esta investigação, entendemos que as mães possam vivificar a música com os bebês. Nesse sentido, as práticas musicais realizadas por mães durante a gestação podem ser consideradas como uma educação musical não escolar.

São diversas as formas como a música está presente no dia a dia, envolvendo famílias e trazendo benefícios aos seus membros. Alguns autores trazem contribuições nesse âmbito de educação musical não escolar, como Gordon (2015), que considera os pais como os primeiros professores. Além disso, o autor explica que a educação musical inicia em casa, de forma não escolar. Ele continua discorrendo sobre a importância do ensino da música para os bebês desde o nascimento, pois esse investimento precoce nessa atividade cultural possibilitará ao bebê desenvolver aspectos cognitivos e da linguagem, os quais lhe serão úteis para aprendizados futuros. Nesse sentido, podemos pensar nessas práticas desde o período da gestação, para que o contato ocorra o mais cedo possível, mantendo-as também após o nascimento do bebê.

Mais do que cantar, tocar ou escutar música, há afeto e conexão nessas ações. Ilari (2005, p. 1) comenta que “as práticas musicais das crianças e dos adultos são relevantes porque auxiliam no desenvolvimento auditivo, motor, cognitivo e social, além de ajudar a fortalecer as ligações afetivas nas famílias”. A

autora corrobora o fato de que os bebês não são passivos quando estão no ventre materno e, principalmente a partir da 32ª semana, já possuem aparelho auditivo formado, conseguindo escutar sons (ILARI, 2002) internos e externos — entre eles, as canções e a voz materna.

O útero é um ambiente rico em estímulos sonoros, pois ali se misturam os barulhos externos e internos do corpo da mãe. Sobre esse aspecto, Ilari (2002, p. 84) escreve que "curiosamente os bebês não são passivos aos sons do ambiente acústico uterino; muito pelo contrário, os mesmos estão muito atentos ao ambiente sonoro, aprendendo sons diversos, de música e de linguagem". Conforme Ilari (2002, p. 88), a partir do uso de técnicas mais avançadas, pesquisas vêm demonstrando que, contrariamente ao que se vinha pensando, os bebês não vêm ao mundo como uma tábula rasa, mas "são ouvintes sofisticados desde a mais tenra idade". Eles já nascem com algumas "predisposições para processar sons musicais [...] essas habilidades, que já estão presentes quando do nascimento do bebê, tendem a se modificar com o decorrer do desenvolvimento infantil, a exposição musical e a aculturação" (ILARI, 2002, p. 88).

Outra autora que estuda sobre os bebês e a música, enfatizando a importância da relação entre mãe e bebê nesse processo, é Broock (2007). Em suas publicações, ela trata dos diversos benefícios da comunicação a partir da música com bebês e crianças. Broock advoga sobre a audição no ventre materno e após o nascimento, sendo que o bebê consegue identificar algumas canções que escutou anteriormente. A voz da mãe é a preferida do bebê, o que foi medido a partir da mudança de batimentos cardíacos e movimentos corporais. Assim, é melhor que ela cante do que coloque algum som para ele escutar pelo celular ou pela televisão, por exemplo (BROOCK, 2007).

As mães têm uma forma única de se valer da música quando querem acalmar seus bebês, utilizando, por exemplo, cantigas de ninar como modo de demonstrar amor e afeto. Broock (2007) comenta que a fala e o canto dirigidos ao bebê influenciam na comunicação e interação entre eles. Podemos supor que o mesmo ocorra ainda durante a gestação. Ao final de um dia cansativo de trabalho, por exemplo, encontra-se um tempo para conversar ou cantar para o bebê que ainda

está em fase de formação dentro do ventre materno. São diversas as situações, mas o diálogo e a interação nessa fase da vida são tão importantes quanto após o nascimento.

Sobre a relação entre mãe e bebê, cabe apresentar um conceito importante: a parentalidade intuitiva. Parizzi e Rodrigues (2020, p. 29) conceituam-na como uma "característica humana que pode ser responsável pela alegria e envolvimento que todos nós adultos sentimos nos momentos de interação com nossos bebês". As autoras destacam, também, que "é necessário que os pais encontrem tempo para estar com seu bebê. [...] devem ter em mente que a interação humana é fundamental para as aprendizagens" (PARIZZI; RODRIGUES, 2020, p. 56).

A música é importante em nossa vida e, como dizem Parizzi e Rodrigues (2020, p. 50), ela "está na essência da nossa humanidade, como a consciência e a palavra". Na relação musical entre a mãe e o bebê no ventre, não há um modo certo para esse momento de troca afetiva, mas sim a prática como uma forma de possibilitar essa vivência para o bebê.

Caminhos metodológicos

Com o objetivo de investigar as práticas musicais na gestação, relatadas por mães participantes de um projeto de extensão, esta pesquisa teve como pressuposto metodológico a abordagem qualitativa. Como método, utilizou-se a pesquisa documental, tendo sido analisados os relatos das mães. A técnica para a análise dos dados foi a análise de conteúdo.

Minayo (2000, p. 21–22) explica que a abordagem qualitativa utiliza um "universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis". É um tipo de pesquisa bastante utilizado na área da educação, a qual pode ser realizada com poucos sujeitos — ou, nesse caso, documentos. Assim, não se pretende estabelecer generalizações, mas interpretar o fenômeno a partir de uma realidade. Outra característica da abordagem qualitativa é que ela é descritiva, ou seja, os dados coletados "são em formas de palavras ou imagens, e não de números. Os

resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação" (BOGDAN; BIKLEN, 1999, p. 48).

Além da abordagem qualitativa, o método empregado foi a pesquisa documental que, conforme Moreira (2010, p. 271), "compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim". Fachin (2006), acrescenta que a pesquisa documental diz respeito a qualquer informação coletada, podendo ser por fonte escrita, visual ou oral. Em um estudo científico, é possível utilizar a pesquisa documental tanto como método quanto como técnica. Neste trabalho, ela foi utilizada como metodologia e como técnica de coleta de dados, em que coletamos os documentos resultantes das ações do projeto de extensão. Assim, os documentos que foram utilizados para análise referem-se aos relatos das nove mães participantes do projeto, durante o ano de 2020.

A técnica para a análise dos dados (documentos) foi a análise de conteúdo, proposta por Moraes (1999). O autor explica que "a análise de conteúdo, é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra. Toda leitura se constitui numa interpretação" (MORAES, 1999, p. 2). Conforme propõe o autor, há cinco etapas necessárias para a organização e análise dos dados: preparação das informações, unitarização ou transformação do conteúdo em unidades, categorização ou classificação das unidades em categorias, descrição, interpretação.

Com base no exposto, a próxima seção ocupa-se em apresentar o projeto de extensão.

Projeto de extensão "Vivências Musicais para Bebês e Famílias"

O projeto de extensão "Vivências Musicais para Bebês e Famílias" integrou uma das propostas educacionais da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, e teve início no ano de 2020, em formato totalmente remoto, devido à pandemia causada pela COVID-19[1]. Fizeram parte desta proposta estudantes dos cursos de

[1] A partir de 2020, alastrou-se pelo mundo uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2, conhecida como doença do corona vírus (COVID-19). A pandemia agravou-se a ponto de as entidades governamentais de diversos países determinarem isolamento social, fechamento

Graduação em Música – Licenciatura, Especialização em Educação Musical e Programa de Pós-Graduação em Educação da Uergs. O objetivo do projeto foi oportunizar vivências musicais para bebês e suas famílias, contribuindo para o fortalecimento de vínculos afetivos e o desenvolvimento integral das crianças.

No ano de 2020, a partir de uma seleção realizada por meio da aplicação de um formulário de inscrição, o qual foi divulgado nas redes sociais, nove famílias participaram da atividade via *on-line*, de forma síncrona. O requisito para participar era ter um bebê que estivesse na faixa etária entre zero e dois anos de idade. As famílias participaram de oito vivências ao todo, sendo que cada atividade teve uma duração de cerca de 30 minutos, ocorrendo ao vivo, via aplicativo de videoconferência *Google Meet*. Afora as atividades síncronas, as famílias recebiam, semanalmente, via *WhatsApp*, vivências assíncronas, mais curtas, para que as propostas fossem feitas em outros momentos da sua rotina.

Além disso, as mães participaram de entrevistas individuais no início e no final do projeto, interagiam em um grupo de *WhatsApp* e preenchiam formulários relatando suas experiências e comentando sobre as práticas musicais, conforme o que era solicitado. Mediante autorização das famílias participantes, os dados foram organizados em cadernos de entrevistas, de formulários, de conversas pelo WhatsApp e de categorias. Por fim, foi organizado um caderno final, reunindo todos os dados, denominado Caderno das Categorias. Desse caderno, foram retirados os dados que são apresentados na seção de resultados e análise dos dados. Reitera-se que todo o material coletado foi resultante do projeto de extensão “Vivências Musicais para Bebês e Famílias”, do qual as autoras do presente artigo são idealizadoras e coordenadoras.

Sendo assim, neste artigo, foram utilizados os dados referentes às práticas musicais na gestação, contidos no caderno das categorias do projeto de extensão.

---

temporário de estabelecimentos comerciais, escolas, locais públicos, etc., buscando assim a retenção da contaminação e priorizando a saúde da população.

Resultados e análise dos dados

Após a coleta e organização dos dados, estes foram tratados e analisados, com base no referencial teórico apresentado anteriormente. Cabe salientar que, entre as respostas coletadas nos documentos, não havia dados de todas as famílias participantes, referentes a todas as categorias apresentadas. Entretanto, optou-se por considerar os dados existentes, mesmo que incompletos em alguma medida. Portanto, os dados são apresentados individualmente, ilustrados com as falas das famílias participantes do projeto de extensão, conforme os documentos coletados, e articulando-se com o referencial teórico estudado.

A partir da coleta e análise dos dados desta pesquisa, foi possível dividi-los em cinco categorias: práticas musicais durante a gestação, reações do bebê durante as práticas musicais, momentos em que cantava durante a gestação, quem cantava para o bebê no ventre materno e repertório musical durante a gestação.

Práticas musicais durante a gestação

Nessa categoria, foram coletados dados de dois tipos de práticas: escuta musical e prática do canto. Tais práticas podem ser visualizadas na Figura 1.

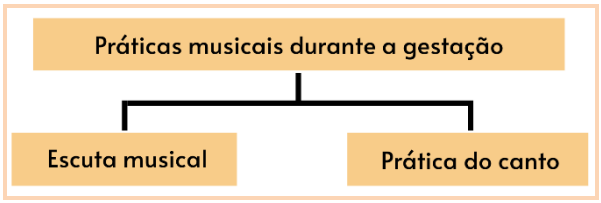


Figura 1: Categoria “práticas musicais durante a gestação”
Fonte: autoras (2022).

A escuta musical consiste em realizar a oitiva de canções durante a gestação, com o objetivo de proporcionar essa apreciação ao bebê no ventre materno. A prática do canto refere-se ao ato de vocalizar para o bebê durante a gestação, o que foi realizado tanto pelas mães quanto por outros membros da família.

Em relação à comunicação com o bebê durante o período da gestação, foram encontrados, na análise dos dados nos documentos, relatos de escuta musical e de práticas do canto. A mãe de uma das famílias participantes relatou que, durante a gestação, sempre cantou muito para o bebê. Sua argumentação para essa prática

justificava-se pelo fato de ela trabalhar em uma creche, então cantar já fazia parte de seu cotidiano. Outra mãe também revelou que cantar e conversar com o bebê ainda no ventre era algo muito frequente. Segundo seu relato, ela "sempre conversava bastante com ela [a bebê] e cantava também, quando estava grávida" (CADERNO DAS CATEGORIAS, 2021).

Outra mãe, ao relatar as experiências com seu bebê, comentou ter adquirido um fone de ouvido especial, colocando-o na barriga, a fim de que o bebê pudesse ouvir músicas. Ela, inclusive, comentou ter feito como já havia procedido com o outro filho, que também escutava música ainda no ventre, por meio de um fone aproximado da barriga (CADERNO DAS CATEGORIAS, 2021).

Essas falas ilustram a educação musical não escolar, a qual foi descrita por Gohn (2006) como aquela que ocorre no âmbito familiar — nesse caso, entre mãe/pai e bebê, ainda no ventre materno. Broock (2007) destaca que a comunicação por meio da fala ou do canto ao bebê no ventre materno influenciam na interação e comunicação entre eles, mostrando a importância desses momentos.

Duas mães relataram que costumavam ouvir canções durante a gestação. Quanto ao ato de cantar para o bebê, uma delas explicou que tinha esse costume, ao passo que a outra mãe não costumava realizar esse procedimento. Ao perguntar à mãe que não costumava cantar para seu bebê sobre os motivos da ausência dessa prática, a explicação foi a de que ela não teve muito tempo para isso, já que descobriu sua gravidez somente aos sete meses de gestação (CADERNO DAS CATEGORIAS, 2021). Mesmo que de forma indireta, pesquisadores relatam que o bebê no ventre materno tem acesso aos sons e pode aprender sons diversos, assim como a música e a linguagem (ILARI, 2002). Portanto, essas práticas musicais durante a gestação são importantes para o seu desenvolvimento.

Reações do bebê durante as práticas musicais

No que se refere à categoria "reações do bebê durante as práticas musicais", elencamos duas subcategorias. A primeira diz respeito a quando, no momento da prática musical, o bebê no ventre materno parava de se movimentar, segundo os relatos das mães. A segunda se refere a quando, de acordo com relatos das mães,

ocorria o inverso, ou seja, o bebê no ventre materno movimentava-se bastante quando aconteciam as práticas musicais. A Figura 2 mostra essa organização.

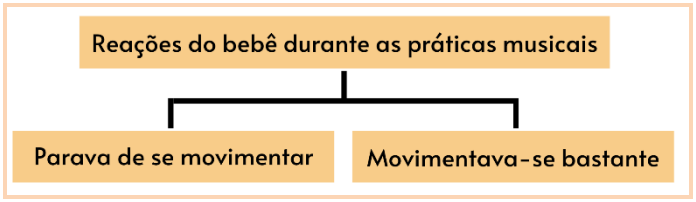


Figura 2: Categoria "Reações do bebê durante as práticas musicais"
Fonte: autoras (2022).

Nessa categoria, a partir dos documentos coletados, duas mães relataram as reações do bebê na barriga durante a prática musical, ilustrando o que é descrito por Ilari (2002), quando afirma que os bebês no ventre materno não são passivos. Uma das mães comentou que seu bebê ficava se contorcendo, não conseguia ficar parado, era muito ativo. Então, quando ela cantava, o bebê parava, acalmando-se (CADERNO DAS CATEGORIAS, 2021). O bebê da outra mãe, ao contrário, costumava se movimentar muito quando sua mãe fazia alguma prática musical. Conforme relatos dessa mãe, ela e os demais integrantes da família percebiam que o bebê se movimentava muito quando seu esposo cantava próximo à barriga (CADERNO DAS CATEGORIAS, 2021).

A partir desses relatos, menciona-se Souza-Dias (1996), que trata da potencialidade do bebê de responder aos estímulos externos. Carvalho e Justo (2021) corroboram a análise, explicando que o útero é um ambiente que permite ao bebê escutar os sons externos e reagir às práticas sonoras. Zaeyen (2003) complementa, ao elucidar sobre o ambiente acústico que é o útero materno e a possibilidade de o bebê ouvir os sons antes mesmo de nascer.

Momentos em que cantava durante a gestação

Na categoria intitulada "momentos em que cantava durante a gestação", a partir dos relatos contidos nos documentos, obtivemos três subcategorias, as quais estão apresentadas na Figura 3: hora do banho (antes de dormir), deitada (antes de dormir) e na escola (trabalho).

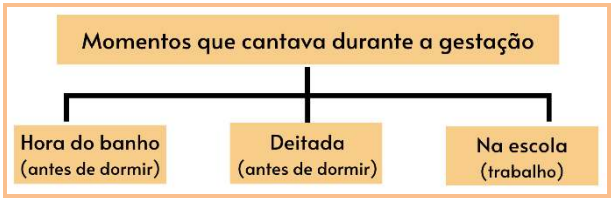


Figura 3: Categoria "Momentos em que cantava durante a gestação"
Fonte: autoras (2022).

Para a primeira subcategoria, menciona-se uma das mães, que comentou que cantava "principalmente na hora do banho, um pouquinho antes de dormir" (CADERNO DAS CATEGORIAS, 2021, p. 42). Outra mãe relatou, além da prática musical, a integração familiar com os outros dois filhos durante a gestação:

> Então, depois do banho que deitava, daí eu percebia assim, começava a se movimentar bastante. Daí, eu colocava música e conversava, sabe? Começava a conversar. E as crianças vinham pra volta, [...] eu deitava na cama, daí o meu menino vinha e fazia massagem nos meus pés, nas minhas pernas, passava o creme. Então, eles curtiram a gestação junto, e eu colocava música, assim, e a minha menina também tinha esse costume de cantar, sabe? (CADERNO DAS CATEGORIAS, 2021, p. 41).

Com base nesses relatos, podemos estabelecer relações com a pesquisa de Chang *et al.* (2015). Embora tenham pesquisado sobre o estresse na gravidez, inferimos sobre a importância das práticas musicais nos momentos de descanso e relaxamento. As mães falam sobre a hora do banho e a hora em que se deitava antes de dormir, mostrando que, no momento de descanso, ao final do dia, aproveitavam para cantar ao bebê, como um momento de prazer e afeto.

A prática musical como um momento de integração também foi mencionada. Uma das mães, que é professora de Educação Infantil, mencionou que, quando estava grávida e dava aulas, seus alunos costumavam incluir seu bebê nas brincadeiras. Conforme seu relato, "quando a gente fazia as atividades na escola, as contações de história, de cantar música, a gente sempre incluía a bebê. 'Ó, bebê, tá aqui junto', 'vamos ouvir uma música'? E as crianças ali foram sensacionais!" (CADERNO DAS CATEGORIAS, 2021, p. 42).

Como podemos observar, o afeto envolvido e as conexões estabelecidas a partir das práticas musicais vão além do ambiente familiar. Ilari (2005) refere que as

práticas musicais são importantes, sendo estas realizadas por adultos ou por crianças. Jaber (2013) discorre que o bebê percebe os sentimentos emocionais que a mãe apresenta durante o período gestacional. Dessa forma, as práticas musicais são importantes durante esse período.

Mesmo que nem todas as mamães tenham especificado os momentos em que as práticas musicais ocorriam, percebemos que a maioria delas as realizava de alguma forma. Esse fato complementa o que Parizzi e Rodrigues (2020) enfatizam: os pais precisam encontrar tempo para estarem e interagirem com seus bebês. Essas interações podem potencializar o desenvolvimento do bebê, fortalecer o vínculo afetivo e promover saúde mental.

Quem cantava para o bebê no ventre materno

A partir dos relatos das mães, contidos nos documentos coletados, foi possível identificar que não foram somente elas que cantaram para o bebê na gestação. Assim, estabeleceram-se quatro subcategorias derivadas da categoria "quem cantava para o bebê na barriga": mãe, pai, irmã(os) e alunos da mãe. Essa subdivisão é apresentada na Figura 4.

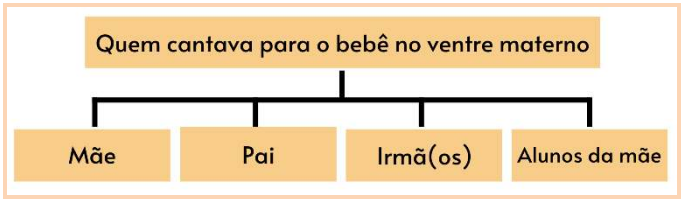


Figura 4: Categoria "Quem cantava para o bebê no ventre materno"
Fonte: autoras (2022).

Os dados coletados revelam quem cantava para o bebê. Uma das mães mencionou: "Nós cantávamos, eu canto e meu marido repete. Meu marido adora cantar, sempre que eu canto ele repete" (CADERNO DAS CATEGORIAS, 2021, p. 40), mostrando que tanto ela quanto o marido cantavam. Em outro momento, essa mesma mãe relatou que "Quando ele estava na barriga, minha filha mais velha sempre cantava música do BTS [Bagtan Boys] pra ele" (CADERNO DAS

CATEGORIAS, 2021, p. 40). Então, além da mãe, o pai e a irmã cantavam para o bebê, ainda no ventre.

A música parece estar presente na gestação da maioria das mães participantes do projeto de extensão. É o que demonstrou o relato de uma das mães. Conforme seu depoimento, seu marido "também cantava enquanto ela estava na barriga, bem pertinho da barriga" (CADERNO DAS CATEGORIAS, 2021, p. 40). Esse mesmo comentário foi feito por outra mãe. Esses relatos relacionam-se à educação musical não escolar, ou seja, aquela praticada nas famílias, que é tão importante para o desenvolvimento dos bebês e de todas as pessoas. Daí surge a necessidade de essas práticas serem incentivadas.

Sobre esse aspecto, podemos complementar com os apontamentos de Gordon (2015), que considera os pais como sendo os primeiros professores. Assim, eles podem iniciar um trabalho informal ou não escolar de educação musical com seus filhos em casa. A parentalidade intuitiva apresentada por Parizzi e Rodrigues (2020) também pode ser observada nesses relatos, nos quais os pais interagem com seus bebês, envolvendo-se nesses momentos musicais, mesmo antes de eles nascerem.

O ato de cantar para os bebês no ventre materno pode ser, também, uma prática de outros membros da família. Esse foi um dos dados obtidos com o relato de outra mãe, que declarou que seus filhos (irmãos do bebê) cantavam para o bebê no ventre materno, no momento em que ela se deitava na cama, antes de dormir. Durante o dia, essa prática também ocorria. Segundo seu relato, "durante o dia os irmãozinhos também ficavam bastante assim, conversando e cantando e falavam quando tinham uma novidade, iam lá na barriga conversar" (CADERNO DAS CATEGORIAS, 2021, p. 42). Insere-se nessa categoria o depoimento de uma participante professora da Educação Infantil, que já havia relatado que seus alunos cantavam para a bebê na barriga e incluíam-na nas atividades de aula.

Embora estudos revelem que a voz materna é a preferida pelo bebê (BROOCK, 2007), o envolvimento dos irmãos e de outras pessoas pode contribuir nas práticas musicais com o bebê, pois são mais estímulos sonoros que ele receberá, o que promove o seu desenvolvimento. Também, podemos trazer a

contribuição de Kraemer (2000) para enfatizar que essa educação musical informal ou não escolar, praticada pelos pais e familiares, é válida e importante. Os relatos contidos nos documentos mostram que houve um envolvimento das famílias e de pessoas próximas a elas, possibilitando experiências sonoras diversas ao bebê ainda antes de nascer.

Repertório musical durante a gestação

A última categoria trata do "repertório musical durante a gestação". Entre as músicas mencionadas pelas mães, foi possível observar a presença de canções e músicas instrumentais, incluindo canções infantis, canções religiosas, pop nacional, pop coreano, rock e jazz. Na Figura 5, são apresentadas as músicas.

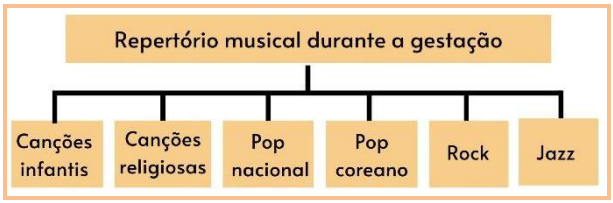


Figura 5: Categoria "Repertório musical durante a gestação"
Fonte: autoras (2022).

Como canções, podem ser incluídas as canções infantis, as canções religiosas, o pop nacional, o pop coreano e o rock. O jazz encontra-se no gênero musical instrumental, que também figurou nos depoimentos das mães.

Foram consideradas canções infantis aquelas entoadas nas escolas, pois duas mães participantes são professoras da Educação Infantil. O relato de uma delas já foi mencionado anteriormente, na categoria "momentos em que cantava durante a gestação". No caso desta categoria, trata-se das práticas de canções infantis que elas (as mães/professoras) utilizavam em seu trabalho pedagógico em sala de aula. As canções infantis foram mencionadas por três mães, sendo duas delas professoras da Educação Infantil.

Algumas mães relataram escutar e cantar canções religiosas, citando "Mãezinha do Céu" e "Louvores". Ao mencionar a canção "Mãezinha do Céu", uma das mães explicou lembrar de entoá-la em um momento em que ela estava "bem

chorosa [...] rezava pra ela, eu cantava pra ela" (CADERNO DAS CATEGORIAS, 2021, p. 42). Esse relato mostra o quanto as canções possibilitam uma ligação afetiva entre mãe e bebê, conforme descrito por Ilari (2005).

O pop nacional foi mencionado por uma das mães, que explicou que seus filhos:

> [...] cantavam muito aquela que estava na modinha assim, e o nome dela é Maria, então, 'Dona Maria, deixa eu namorar a sua filha...' [cantou parte da música]. Essa acompanhava eles nas nossas viagens para casa dos avós. Essa eles assim, batizaram essa música quase. Em função do nome mesmo. Essa sempre foi uma música bastante cantada, até hoje, quando eles escutam, eles lembram. (CADERNO DAS CATEGORIAS, 2021, p. 42).

O rock foi citado como integrante do repertório musical por uma das mães. Ela explicou que proporcionava ao bebê experiências sonoras de bandas das quais ela e o marido gostam. Assim, conforme seu relato, "na barriga, ele, majoritariamente, ouviu acho que rock, muito rock". Essa mesma mãe, ao citar o rock, também mencionou o jazz, afirmando ser muito apreciado por ela e pelo marido. Portanto, essa mãe incluía canções do rock e música instrumentais como o jazz no repertório (CADERNO DAS CATEGORIAS, 2021, p. 41).

Essa variedade de sonoridades em relação ao repertório musical é importante, mesmo durante a gestação, pois vai auxiliando na bagagem musical do bebê (Wolffenbuttel 2019). A música faz parte da vida humana e de nossa essência (PARIZZI; RODRIGUES, 2020), e essa relação proporcionada pelas famílias é muito valiosa.

Considerações finais

Ao finalizar este artigo, que apresenta a investigação sobre as práticas musicais durante a gestação, a partir dos relatos de mães participantes do projeto de extensão, passa-se a responder os questionamentos propostos na pesquisa. Quanto à questão relativa à quais canções eram entoadas na gestação, de acordo com os relatos das mães, foi possível observar que as principais canções eram as canções infantis e canções religiosas. Sobre as reações do bebê no ventre materno durante a realização das práticas musicais, de acordo com os relatos das mães participantes,

concluímos que, quando havia a prática do canto com o bebê no ventre materno, ocorriam algumas reações que foram relatadas por algumas mães.

Nesse sentido, identificamos que na prática do canto, pelo fato de ser a mãe cantando, esse som pode passar internamente para o útero, visto que há duas formas de transmissão. Uma delas é a interna, por meio dos órgãos internos, e a outra é a externa, pelo ar, e o bebê reage a partir disso. Tais reações ocorreram, também, quando as práticas eram realizadas por outras pessoas, direcionadas ao bebê no ventre materno, como irmã, irmão e pai do bebê.

Em relação aos momentos em que as mães costumavam realizar as práticas musicais na gestação, identificamos que tanto as práticas do canto quanto a escuta musical eram realizadas, principalmente, antes de dormir, na hora do banho ou quando se deitavam, e na escola.

Entre as nove mães participantes do projeto de extensão “Vivências Musicais para Bebês e Famílias”, conforme relatos contidos nos documentos, identificou-se que uma das mães não realizou práticas musicais quando estava grávida. Ela relatou que havia descoberto a gravidez com sete meses, ou seja, faltando poucos meses para o bebê nascer.

Salientamos que os documentos analisados neste artigo foram provenientes de um projeto de extensão realizado anteriormente, cujas entrevistas e demais materiais coletados não tiveram foco específico na parte gestacional das participantes, e sim após o nascimento e o desenvolvimento dos bebês até o momento da coleta. Em função disso, algumas informações sobre as práticas musicais na gestação não foram identificadas; entretanto, considerou-se relevante a utilização desses dados, os quais foram tidos como satisfatórios aos objetivos deste estudo.

Dessa forma, sugere-se que outras pesquisas sejam feitas, como a realização de entrevistas com gestantes ou mães de bebês. Com isso, será possível conhecer ainda mais sobre as práticas musicais na gestação.

Referências:

BEYER, Esther. Cante, bebê, que eu estou ouvindo: do surgimento do balbucio musical. *In*: BEYER, E. *O som e a criatividade: reflexões sobre experiências musicais.* Santa Maria: Editora UFSM, 2005.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.* Lisboa: Porto Editora, 1999.

BROOCK, Angelita Maria Vander. Curso de musicalização para bebês da UFBA. *In*: CONGRESSO DA ANPPOM, 18., 2007. *Anais do XVII Congresso da ANPPOM.* São Paulo: ANPPOM, 2007. v. 18. Disponível em: https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/educacao_musical/edmus_AMVBroock.pdf. Acesso em: 18 jan. 2020.

CARVALHO, Eduarda; JUSTO, João. *O Bebê e a Voz Materna: a Primeira Sonata Opus Uterus*. São Paulo: Instituto Langage, 2021. Disponível em: https://institutolangage.com.br/loja/livros/o-bebe-e-a-voz-materna/. Acesso em: 19 abr. 2023.

CARVALHO, Maria Eduarda Salgado. O mundo sonoro pré-natal. *In*: RORIGUES, H.; RODRIGUES, P. F. (org.). *Ecos de Opus Tutti.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015. p. 173–186.

CHANG, Hsing-Chi *et al.* The effects of music listening on psychosocial stress and maternal-fetal attachment during pregnancy. *Complementary therapies in medicine*, v. 23, n. 4, p. 509–515, 2015.

FACHIN, Odilia. *Fundamentos de Metodologia*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FONSECA, Bárbara Cristina Rodrigues. A construção do vínculo afetivo mãe-filho na gestação*. Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, v. 14, n. 8, p. 1–17, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação,* v. 14, n. 50, p. 27–38, 2006.

GORDON, Edwin E. *et al. Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

ILARI, Beatriz. A música e o desenvolvimento da mente no início da vida: investigação, fatos e mitos. *Revista eletrônica de musicologia*, v. 9, 2005. Disponível em: http://www.rem.ufpr.br/_REM/REMv9-1/ilari.html. Acesso em: 20 abr. 2021.

ILARI, Beatriz. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM*, v. 10, n. 7, p. 83–90, 2002.

JABER, Maíra dos Santos. O bebê e a música: sobre a percepção e a estruturação do estímulo musical, do pré-natal ao segundo ano de vida pós-natal. 2013. 136 f. *Dissertação* (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://objdig.ufrj.br/26/dissert/817223.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

JOSEPH, Rhawn. Fetal brain behavior and cognitive development. *Developmental review*, v. 20, n. 1, p. 81–98, 2000.

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. *Em Pauta*, v. 11, n. 16/17, p. 50–73, 2000.

MARTINS, Janaina Trasel. Canto pré-natal: alquimias sonoras para gestantes. *ouvirOUver,* v. 13, n. 2, p. 630–643, 31 out. 2017.

MAYDANA, Celina Vettore; BRASIL, Maria de Fátima Machado. Pré-natal – música – amamentação. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 12., 2003. **Anais do XII** *Encontro Anual da ABEM*. Florianópolis: ABEM, 2003. v. 12, p. 135–138. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM_2006.pdf. Acesso em: 19 abr. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, v. 22, n. 37, p. 7–32, 1999.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.* São Paulo: Atlas, 2010. p. 269–279.

OLIVEIRA, Danilo Cesar Guanais de *et al.* A criança e a música: as implicações da música no desenvolvimento intelectual e emotivo infantil entre zero e dois anos. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 2006. *Anais do XV Encontro Anual da ABEM.* João Pessoa: ABEM, 2006. p. 740–742. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM_2006.pdf. Acesso em: 19 abr. 2023.

PARIZZI, Betânia; RODRIGUES, Helena. *O bebê e a música*. São Paulo: Instituto Langage, 2020.

PEREIRA, Vinícius Carlos; BROOCK, Angelita Maria Vander. O bebê, a música e a infância: A música no ambiente familiar. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 2021. *Anais do XXV Congresso Nacional da ABEM*. on-line: ABEM, 2021. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/971/public/971-4224-1-PB.pdf. Acesso em: 19 abr. 2023.

PICCININI, Cesar Augusto *et al.* Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao seu bebê. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, v. 20, n. 3, p. 223–232, 2004.

SOUZA-DIAS, Therezinha Gomes de. *Considerações sobre o psiquismo do feto.* São Paulo: Escuta, 1996.

SUASSUNA, Ana Maria Vilar. Psiquismo fetal. *In*: SUASSUNA, A. M. V. *De Feto a Herdeiro:* A Transmissão Psíquica entre Gerações e o Psiquismo Fetal. Curitiba: Honoris Causa, 2011. p. 253–264.

TABARRO, Camila Sotilo *et al.* Efeito da música no trabalho de parto e no recém-nascido. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 44, n. 2, p. 445–452, 2010.

WELCH, Graham F.; PRETI, Costanza. O canto como comunicação interpessoal e intrapessoal. *Orfeu*, v. 3, n. 1, p. 197–229, 2018.

WILHEIM, Joanna. *O que é psicologia pré-natal.* São Paulo: Brasiliense, 1992.

WOLFFENBUTTEL. 2019.

ZAEYEN, Eduardo. A audição do bebê. *In*: MOREIRA, M. E. L. *et al.* (org.). *Quando a vida começa diferente: o bebê e sua família na UTI neonatal.* Coleção criança, mulher e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 131–140.